

A configuração da identidade de gênero que orienta o ato de cuidado pela mulher em relações familiares.

Edmeia Campos Meira¹, Vanda Palmarella Rodrigues², Monica Andrade Santana de Oliveira³, Rita Maria Radl Phillp⁴, Luciana Araújo dos Reis⁵

1. Doutoranda em Memória: Linguagem e Sociedade – UESB, Vitória da Conquista/BA *edmeiameira@yahoo.com.br
2. Professora Adjunto do Depto.de Saúde II, UESB, Jequié/BA
3. Professora especialista do Colegiado de Enfermagem, FAINOR, Vitória da Conquista/BA
4. Professora Permanente do Programa Memória: Linguagem e Sociedade, UESB, Vitória da Conquista/BA
5. Professora Permanente do Programa Memória: Linguagem e Sociedade (Orientadora), UESB, Vitória da Conquista/BA

Palavras Chave: Cuidador, relações familiares, idoso, identidade de gênero.

Introdução

O desenvolvimento humano de ordem biopsicossocial favorece a construção de identidade e identidade de gênero, promovendo uma determinada orientação para o cuidado feminino. Esta realidade se constitui também por meio de relações de trocas simbólicas de papéis entre a mulher e os membros da família, estabelecidas em relações históricas, socioculturais e deste modo, vivenciando uma aprendizagem ético moral para o cuidado, orientando para uma identidade de gênero com orientação ou/não para o cuidado (MEAD, 2010; RADL PHILLIP, 2012; GILLIGAN, 1982). O ambiente familiar, em que a mulher apreende esta cultura de identidade para o exercício do cuidado dos seus familiares tem sido uma prática com sofrimentos e repercussões nas suas condições de vida.

Tem como objetivo descrever aspectos que configuram a construção da identidade de gênero na mulher e determinam orientações para o cuidado ao idoso/a dependente em relações familiares.

Resultados e Discussão

Estudo qualitativo com abordagem da História Oral de Vida (THOMPSON, 2002), junto a seis mulheres cuidadoras familiares de idosos/as dependentes, com interlocução por meio de entrevista e apoio do Programa QSRN Vivo 10).

O projeto foi submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa da Faculdade Independente do Nordeste (FAINOR), aprovado sob o parecer nº 791.570. As informações foram analisadas de acordo com categorias oriundas das histórias de vida utilizando princípios de interpretação da análise de conteúdo (BARDIN, 2011) e teve o apoio do Programa QSRN Vivo 10-chave de licença: NVD10-L2000-KRU84.

Os resultados mostraram a convivência da mulher em relações familiares no espaço privado e os papéis significativos que se desenvolvem e permitem uma educação para o cuidado em diversos momentos do desenvolvimento humano, a saber: incentivo às tarefas domésticas, na infância as brincadeiras de “dona de casa”; as construções afetivas as quais contribuem para o cuidado permeado de sentimentos de amor, gratidão, obrigação junto ao familiar dependente de cuidados permanentes e duradouros; a convivência intergeracional nas relações de cuidado permitindo as trocas de saberes e garantia de uma aprendizagem de trocas para o futuro.

[...] a gente mulher, desde pequenininha você já brinca com uma boneca, (risos) você já fica balançando uma boneca, você coloca a boneca para dormir, dele ser uma bonequinha, tinha a mãe, tinha as filhas (M1).

[...] participando na família, interagindo com minha mãe, tinha uma empregada, mas a gente tinha que fazer o trabalho da gente, ela dividia por tarefa, de lavar roupa, lavar prato, ajudar, auxiliar ela na cozinha (M3).

[...] retribuir o que ela fez para você, ela te criou, te deu todo o carinho, mesmo se não foi uma boa mãe, não foi aquela pessoa que se esperava que fosse, mas ela te gerou, ela cuidou de você (M6).

Figura 1. Representação da convivência da mulher em relações familiares no espaço privado.



Fonte: Programa QSRN Vivo 10

Figura 2. Representação dos papéis significativos que se desenvolvem e permitem uma educação para o cuidado



Fonte: Programa QSRN Vivo 10

Conclusões

Constatamos que as mulheres cuidadoras de idosos/as dependentes e sua interface com uma identidade de gênero e o cuidado humano permitem a compreensão dos significados e experiências socioculturais, sentimentos e atributos morais identificados pelas mulheres nas relações inerentes ao espaço privado instituído da família, e desta forma oferecem subsídios para políticas que priorizem a vida feminina em exercício ético com equidade no envelhecimento. Deste modo, urge primar pelo respeito e garantia de dignidade para a mulher cuidadora familiar como ser humano, antes mesmo de sua condição de saúde e independente da fragilização e adoecimento progressivo que possam vivenciar.

Bardin L. **Análise de conteúdo**. Lisboa, Portugal: Edições, 2011.

Gilligan, C. **Uma voz diferente**: psicologia da diferença entre homens e mulheres da infância à idade adulta. Rio de Janeiro (RJ): Editora Rosa dos Tempos, 1982.

Mead, G.H. **Espírito, persona, y sociedade**: desde el punto de vista del conductivismo social. Traducción de Florial Mazia. 4. ed. Madrid: Editora Paidós, 2010.

Radl Phillipp, R. Feminismo y conocimiento. Implicaciones epistemológicas para los estudios de las mujeres y del género. In: Marín JG, Vazquez MBG. **Diálogos em la cultura la paridade. Reflexiones sobre feminismo, socialización y poder**. Universidade de Santiago de Compostela, 2012.

Thompson P. **A voz do passado**: história oral. São Paulo: Paz e Terra, 2002.